

Excursão sobre a Criação da Vida e a Diversidade Biológica (Parte 12): Examinando os Supostos Paralelos Entre Gênesis e Mitos Egípcios

Seção 09 / Aula 12

Autor: William Lane Craig

Publicado no YouTube: 30/05/2026, 08:00:21 (horário de São Paulo)

Aula original: Abril 17, 2019

[Assistir à aula no YouTube](#)

[Acessar o Curso Defensores - Seção 09](#)

Transcrição conforme a legenda em português do vídeo. Revisão: 22/10/2026.

Gênero dos Evangelhos e dependência literária

Da última vez, examinamos o modo como a noção de mito é entendida pelos estudiosos do folclore. Vocês se lembrarão de que dissemos que um mito é uma narrativa sagrada que busca fundamentar ou ancorar realidades presentes em um tempo primordial. Como tais, os primeiros onze capítulos de Gênesis se qualificariam como míticos. Deixem-me dizer algumas coisas sobre comentários que foram feitos na discussão da semana passada, sobre os quais tive a oportunidade de refletir depois. Dada a definição de mito que estamos usando – a definição do folclorista – este não é o mesmo sentido em que [J. R. R.] Tolkien e [C. S.] Lewis falaram de mito quando disseram que o cristianismo ou o evangelho é o mito verdadeiro. Eles estão pensando na noção de mito como uma espécie de ideia arquetípica que é verdadeiramente incorporada na fé cristã e na mensagem do evangelho. Mas os próprios evangelhos – os quatro evangelhos – não são do gênero do mito. Eles não são narrativas sagradas tradicionais que tentam ancorar realidades presentes em algum tempo pré-histórico.

Antes, estudiosos dos evangelhos determinaram que o gênero ao qual os evangelhos pertencem é a biografia antiga como as famosas Vidas de Gregos e Romanos, de Plutarco, e, como tais, os evangelhos têm um interesse histórico em dar uma representação histórica precisa do objeto da biografia. Portanto, é importante entender que, no sentido em que estamos usando a palavra “mito”, os evangelhos não pertencem a esse gênero. Eles não são mitos. Antes, eles são biografias antigas. Também na discussão, alguém perguntou se eu poderia pensar em um bom exemplo de dependência literária que tenha sido demonstrada, já que expressei ceticismo sobre os esforços de muitos estudiosos do Antigo Testamento para mostrar a dependência das histórias de Gênesis 1 a 11 em relação à mitologia do antigo Oriente Próximo. Ao refletir sobre isso em casa, ocorreu-me que há um exemplo muito bom disso, e este seria a Epopeia de Gilgamesh que é um antigo poema sumério-babilônico que relata os feitos de Gilgamesh. A história de Gilgamesh originalmente não incluía uma história do Dilúvio.

As versões mais antigas de Gilgamesh não têm história do Dilúvio; antes, isto se encontra em outro antigo poema épico mesopotâmico chamado Atrahasis. O que os estudiosos descobriram é que, nos relatos mais recentes ou padrão da Epopeia de Gilgamesh, a história do Dilúvio de Atrahasis foi incorporada à epopeia de Gilgamesh. De fato, em alguns lugares ela é uma (repetição) verbatim da história do Dilúvio de Atrahasis. Dadas as correspondências linguísticas verbatim, bem como o contexto semelhante da história do Dilúvio em Gilgamesh e na história do

Dilúvio em Atrahasis, isto parece ser um paralelo verdadeiramente genuíno entre Gilgamesh e a história do Dilúvio de Atrahasis. A história do Dilúvio em Gilgamesh parece ser tomada emprestada de Atrahasis ou dependente dele. Além disso, visto que a história de Atrahasis é mais antiga (remontando pelo menos ao segundo milênio a.C.), ao passo que a versão padrão da história de Gilgamesh é muito mais recente, a conexão causal entre elas não pode ir de Gilgamesh para Atrahasis. Atrahasis é o relato mais antigo. Assim, a linha causal seria traçada de Atrahasis para Gilgamesh.

Este pareceria ser um caso em que os critérios que Samuel Sandmel estabeleceu para mostrar textos verdadeiramente paralelos em contexto, com uma conexão causal entre eles que é assimétrica, pareceriam estar demonstrados de modo bastante convincente. O que também vimos, que foi muito interessante, é que nem o relato de Atrahasis nem a história original do Dilúvio em Gilgamesh, depois que Atrahasis foi incorporado a ela, incluía o episódio da soltura das aves para ver se a terra estava seca e se era seguro sair da Arca. Isso é acrescentado à epopeia de Gilgamesh mais tarde e não é atestado antes de cerca de 750 a.C. Assim, isso levanta a questão de onde a Epopeia de Gilgamesh obteve o episódio das aves, que foi acrescentado então à história do Dilúvio tomada emprestada de Atrahasis. Expliquei da última vez que demasiados estudiosos do Antigo Testamento sucumbiram à aflição da paralelomania, isto é, tentar mostrar que uma narrativa é dependente de outra examinando detalhes retirados do contexto, e isto resulta em seleção tendenciosa que pode ser muito enganosa ao demonstrar uma suposta independência.

Ainda nesta semana, em minha leitura, encontrei um exemplo paradigmático desse tipo de seleção tendenciosa. Em seu livro *Creation Accounts in the Ancient Near East and the Bible*, Richard Clifford tem o seguinte a dizer, sobre a relação entre a Epopeia de Gilgamesh e Gênesis 1-11: "Tal reutilização caleidoscópica de detalhes tradicionais pode parecer estranha aos leitores modernos, mas os autores antigos evidentemente gostavam de pôr objetos familiares em novos contextos." Aqui Clifford de fato parece endossar a seleção tendenciosa, isto é, comparar detalhes de narrativas sem apelo ao seu contexto. Ele dá, como seu exemplo, certos detalhes na história de Gilgamesh. A título de contexto, Gilgamesh era um rei guerreiro que era capaz de derrotar todo desafiante que viesse contra ele. Os deuses fizeram para Gilgamesh um companheiro íntimo e auxiliar chamado Enkidu que era originalmente um homem selvagem peludo que se tornou amigo íntimo de Gilgamesh. Gilgamesh e Enkidu eram, por assim dizer, o Tom Brady e Julian Edelman da mitologia mesopotâmica.

Clifford traça o seguinte paralelo entre a história de Gilgamesh em Gênesis: "O Enkidu nu e semelhante a animal adquire sabedoria a partir de sua relação de sete dias com uma prostituta. Depois ela o veste e o conduz à cidade de Uruk e a seu rei Gilgamesh." Esse é o relato em Gilgamesh. Muito bem, vocês estão prontos para isto? Aqui está o paralelo com Gênesis: "Gênesis rearranja essas mesmas tradições para descrever a instituição do casamento!" Ora, isto é paralelomania, e, a meu ver, constitui o *reductio ad absurdum* da metodologia de seleção tendenciosa.

A primeira crítica aos paralelos egípcios

Miller e Soden são culpados, receio eu, do mesmo tipo de seleção tendenciosa, ainda que não tão flagrante. Considere a afirmação mais importante deles sobre o estado primordial ser um caos escuro e aquoso tanto em Gênesis quanto nos mitos egípcios. Gênesis 1:2 diz: “A terra era sem forma e vazia; havia trevas sobre a face do abismo, e o Espírito de Deus se movia sobre as águas.” Isto supostamente se assemelha ao estado primordial nos mitos egípcios. Ora, como eu disse na semana passada, certamente estou aberto a seguir a evidência aonde ela levar, mas penso que Miller e Soden foram muito descuidados ao traçar esses supostos paralelos entre Gênesis 1:2 e os mitos egípcios da criação. Quero fazer dois pontos sobre a alegação deles de paralelismo. Primeiro, os dois estados, quando examinados em contexto, não são verdadeiramente paralelos. É importante entender que em vários mitos cosmogônicos, ou antes teogônicos, egípcios, o que está em jogo é um antigo problema filosófico chamado o Uno e os Muitos. Isto é, como se explica a unidade subjacente do mundo por trás da multiplicidade que observamos no mundo? Esses mitos egípcios procuram derivar a multiplicidade de um monismo primordial.

Nesses mitos, a água e as trevas simbolizam o indiferenciado, estado primordial do Uno ilimitado (com “U” maiúsculo) do qual emerge toda multiplicidade. Por exemplo, o Texto dos Sarcófagos 76 contém uma das referências mais antigas às qualidades do estado primordial. Atum, um dos deuses egípcios, aqui fala na primeira pessoa e diz: “Eu sou o gerador de milhões repetidos – a partir do Dilúvio, a partir das Águas, a partir das trevas, a partir da perdição.” Eric Horhung, um egiptólogo, em seu livro *Conceptions of God in Ancient Egypt: The One and the Many*, explica que a língua egípcia tinha uma forma verbal negativa especial, um de cujos usos era descrever como as coisas eram antes da criação, quando algo ainda não era. Ele diz que a natureza espacial do mundo é negada. Terra e céu ainda não vieram à existência. Antes da criação, ainda não havia duas coisas. Há “nenhuma coisa”, isto é, nenhuma matéria. Isto é uma expressão da visão egípcia de que antes da criação havia apenas unidade indiferenciada que não podia ser dividida em duas coisas distintas. Este Uno primordial é tanto tudo quanto, ainda assim, paradoxalmente, também não existente. A não existência é una e indiferenciada.

O Deus criador nesses mitos emerge do não existente, o que marca o início do processo de as coisas virem à existência por ele se diferenciar na pluralidade de milhões de coisas. Segundo Horhung, o não existente significava, negativamente, aquilo que é incipiente, indiferenciado e ilimitado, e, afirmativamente, é aquilo que é absoluto ou fundamental. Em contraste com o não existente, as coisas existentes são claramente definidas e são restringidas por limites e distinções. O comentarista judeu Nahum Sarna sugere que a razão pela qual a água parecia aos antigos a representação apropriada do estado primordial era por causa de sua natureza amorfa. Em contraste com esse quadro monístico, o estado da Terra primitiva em Gênesis 1:2 não é uma unidade ou caos indiferenciado (apesar das declarações descuidadas de muitos comentaristas), muito menos é não existente. É apenas um oceano primevo coberto de trevas. Ele não é ilimitado ou universal, mas, antes, existe na Terra, que é distinta de Deus. Ele está cobrindo a terra que finalmente emergirá dele. Ele tem uma superfície sobre a qual o Espírito de Deus se move, e, portanto, é limitado. Ele não é sem características.

É a mesma água que finalmente encherá os mares e na qual a vida marinha prosperará. É a mesma água que cairá do céu como chuva e nutrirá a terra. Ela não é desordenada ou caótica.

Ela tem as propriedades típicas da água com as quais os antigos israelitas teriam estado familiarizados, tais como liquidez, peso, tensão superficial, solubilidade, fluidez e potabilidade. O oceano primevo não é mais um caos do que é uma paisagem desértica devastada que a Bíblia também descreve como sem forma e vazia. A expressão hebraica é *tohu wabohu*. O único outro lugar além de Gênesis 1:2 em que é encontrada na Bíblia é Jeremias 4:23, onde descreve a terra quando o juízo de Deus caiu sobre ela. Lendo a partir de Jeremias 4:20 e seguintes: "Golpe sobre golpe se anuncia, pois a terra toda já está destruída; [...] Olhei para a terra, e eis que estava sem forma e vazia; olhei para os céus, e eles não tinham luz. Olhei para os montes, e eis que tremiam, e todas as colinas estremeciam. Olhei, e eis que não havia ninguém, e todas as aves dos céus haviam fugido.

Olhei ainda, e eis que a terra fértil era um deserto, e todas as suas cidades estavam derrubadas diante do SENHOR, diante do furor da sua ira." Jeremias está aqui descrevendo uma terra devastada pela guerra como um ermo inabitável. Semelhantemente, a Terra primeva era um ermo inabitável. O estudioso do Novo Testamento David Tsumura disse corretamente que a frase *tohu wabohu* "não tem nada a ver com caos primevo." Ela simplesmente se refere à Terra como um lugar improdutivo e desabitado. O quão equivocado é ver esse estado primevo como caos fica evidente a partir da história do Dilúvio em Gênesis, encontrada em Gênesis 7:17-24. O Dilúvio devolve a Terra à sua condição primeva – este ermo desolado de água – mas obviamente não é (novamente, apesar das declarações descuidadas de muitos comentaristas) um estado de caos. O estado da Terra quando a Arca de Noé estava flutuando sobre a superfície das águas não é um caos. O sol, a lua e as estrelas ainda brilham acima. O barco está flutuando sobre a superfície das águas. As águas estão cheias de vida marinha, e o barco está cheio de animais e homens.

As águas cobrem os montes, que finalmente emergirão de sob a superfície da água e serão vistos como montes. Isto definitivamente não é caos. Um antigo israelita provavelmente teria imaginado o estado descrito em Gênesis 1:2 como sendo semelhante a uma noite totalmente escura no mar Mediterrâneo, quando nem lua nem estrelas eram visíveis. Esta era uma condição que povos marítimos conhecidos por Israel (veja Gênesis 10, por exemplo. Na tabela das nações, ela lista muitos povos marítimos com os quais Israel estava familiarizado) bem como durante a monarquia (veja 1 Reis 10:22, concernente à frota de Salomão de navios oceânicos que navegavam para fora do golfo de Ácaba) [teriam experimentado.] Tanto esses povos marítimos quanto os marinheiros israelitas teriam eles próprios estado familiarizados com essa condição em uma noite totalmente escura em alto-mar. Esse estado de coisas é inteiramente diferente da condição monádica primal concebida na mitologia egípcia. O estado na mitologia egípcia é muito mais afim ao Uno do filósofo grego Plotino, que está além do ser e é a fonte da qual toda multiplicidade emana.

De fato, o estado primevo que é descrito em Gênesis 1:2 se assemelha muito mais de perto ao estado que é descrito nos mitos da criação dos índios norte-americanos, os quais apresentam uma espécie de oceano primevo em trevas, do que a esses mitos egípcios. Portanto, penso que Miller e Soden foram demasiado rápidos e descuidados ao traçar esses supostos paralelos. Alguma dúvida sobre o que foi dito até aqui?

Motivos semelhantes em culturas diferentes

Segundo ponto da crítica: a alegação de que as trevas primordiais e o abismo aquoso de Gênesis 1:2 mostram a influência das histórias egípcias da criação é tornada incerta, não meramente pela diferença fundamental entre elas, mas também pelo fato de que esses mesmos motivos de trevas primordiais e água são tão amplamente disseminados em mitos da criação ao redor do mundo. Segundo o estudioso bíblico K. Numazawa, mitos sobre a origem do mundo nos quais a Terra e o céu estavam originalmente combinados como um, seja como água apenas, seja como uma substância sem características, seja como um ovo cósmico, “podem ser encontrados entre praticamente todos os povos”, sendo encontrados, por exemplo, até mesmo entre tribos indígenas norte-americanas. Segundo esses mitos, uma substância informe existia em trevas primordiais até sua separação em Terra e céu, o que marcou então o início do universo. Comum a quase todos os mitos é a ideia de escuridão completa antes da separação de céu e Terra, quando a luz apareceu pela primeira vez.

Se vocês têm interesse em ver alguns desses mitos, deem uma olhada na obra de vários volumes editada por Louis Herbert Gray e John Arnott MacCulloch, *The Mythology of All Races*. Esta é uma obra em 13 volumes publicada entre 1916 e 1933. Ela é um tanto datada agora, mas ainda útil para dar um panorama das mitologias do mundo. Estudiosos que apelam à influência egípcia sobre o relato da criação em Gênesis frequentemente deixaram de considerar quão difundido é o motivo favorito entre os povos do mundo. Sua amostra indutiva, em outras palavras, é pequena demais. Os mitos penetram profundamente na psique humana, e por isso não deveríamos nos surpreender ao constatar que mitos semelhantes existem entre povos não relacionados por todo o mundo. Para demonstrar uma conexão causal entre mitos, será necessário excluir a possibilidade de que mitos semelhantes tenham surgido independentemente, o que é muito difícil de fazer.

Minimamente, o teórico envolvido em estudos comparativos de Gênesis 1-11 precisa ampliar sua classe de comparação para além de mitos que tenham uma possível conexão causal com as narrativas primevas, a fim de assegurar que um suposto paralelo e uma conexão causal realmente existam, e não simplesmente mera semelhança. A necessidade de fazer isto é especialmente urgente quando as semelhanças são elementos isolados em contextos vastamente diferentes, como as teogonias egípcias monísticas. A título de resumo, então, a alegação de que Gênesis 1-11 compartilha com os mitos do antigo Oriente Próximo uma preocupação comum de ancorar realidades presentes em um tempo primordial não está fundamentada de modo seguro por tentativas de mostrar dependência das histórias bíblicas em relação a predecessores babilônicos ou egípcios. A tentativa de provar tal dependência está carregada de conjectura e incerteza. Antes, a alegação está fundamentada na comunhão de temas e preocupações etiológicas nos vários mitos. Algum comentário final sobre essa crítica ou sobre o ponto predominante?

O ponto predominante é que a classificação de Gênesis 1-11 como pertencente à categoria de mito não deve ser fundamentada na exploração de supostos paralelos entre as histórias de Gênesis e as histórias egípcias e babilônicas. Antes, ela será fundamentada em mostrar que Gênesis 1-11 explora temas semelhantes e tem motivos etiológicos semelhantes de ancorar realidades presentes em tempos pré-históricos.

Discussão e encerramento

Aluno: Concordo com tudo o que o senhor disse. Eu ia trazer uma noção que me ocorreu vários meses atrás. Eu estava ajudando um sujeito que volta ao Senhor na prisão, havia saído e conseguido um emprego na Napa Parts. Ele o perdeu. A esposa dele havia sido falsamente acusada pela mãe dela. Ele estava em péssimo estado. Mas o sujeito tinha um brilho nele. Ele estava confiando no Senhor. Saí do carro, não estava com casaco, estava frio, e ele disse: “Não tem casaco?” Eu disse: “Estou só entrando correndo.” Então comecei a conversar com ele. Eu o ajudei, e ele disse: “O Senhor me abençoou. Ele tirou este emprego e me conseguiu outro.” Ele tinha um compromisso para ir conseguir esse, mas não tinha como chegar lá. Então eu o levei de carro naquele dia e no dia seguinte. Acabou que, para tirá-lo da dívida e tudo assim, foram US\$ 1.000. Mas ele me mostrou coisas tão admiráveis. Ele estava dizendo que Deus lhe mostrou... ele estava se perguntando como Moisés poderia escrever Gênesis. Então ele disse isto: “então percebi que ele estava vivo naquele tempo.” Eu disse: “Não acho que você queira dizer isso. Jesus estava vivo.” “Não, não. Deus está nele.

E assim Deus estava vivo e podia lhe contar o que aconteceu em Gênesis.” E assim as narrativas – os mitos – podem ser criadas e teriam pontos de precisão conforme Deus escolhe iluminar as pessoas porque seu Espírito é exatamente como Deus diz: se ele retirassem todo o seu Espírito, toda carne morreria, e assim Moisés é capaz de lhe dizer... e assim isso é comum a muitos mitos porque está tentando nos dizer coisas mais profundas do que podemos compreender. Dr. Craig: Quero dizer, com relação a Miller e Soden, que eu realmente estou aberto à evidência que eles apresentariam. Não vejo nenhuma incompatibilidade em dizer que um autor inspirado (inspirado por Deus) poderia recorrer a motivos de mitos pagãos e, como você diz, expressar verdades por meio disso. Mas, honestamente, simplesmente não estou convencido. Quando olho para esses mitos egípcios, esses estudiosos não parecem entender o que está em jogo neles. Frequentemente me pergunto o que, afinal, um filósofo como eu pode trazer para esta discussão com esses estudiosos do Antigo Testamento e assiriólogos. Penso que isto ilustra isso.

Estas pessoas, penso eu, nunca ouviram falar do problema filosófico do Uno e dos Muitos, que ocupava os filósofos antigos. E pergunto-me se eles leram Plotino também, porque, uma vez que se está familiarizado com esses, vê-se que o que é descrito nesses mitos não é nada semelhante ao estado ordenado que é descrito em Gênesis 1:2 e novamente depois do Dilúvio. Assim, não tenho problema em dizer que um autor inspirado poderia recorrer a esse tipo de coisa, mas sou apenas cético quanto a isso ter sido demonstrado. Afirmar que Gênesis 1-11 exibe a mesma preocupação com a etiologia, isto é, tentar ancorar realidades presentes em um tempo primordial, mas na verdade não demonstrei isso. Eu o afirmo, mas não o mostrei. Então, o que quero fazer quando nos encontrarmos na próxima vez é mostrar que Gênesis de fato compartilha com os mitos do antigo Oriente Próximo temas comuns como a criação do mundo, a criação da humanidade, o Dilúvio universal, e assim por diante, e que ele também exibe esta preocupação etiológica de fundamentar realidades que são presentes para o autor do Pentateuco no passado primordial da história primeva em Gênesis 1-11. Essa será nossa discussão para a próxima vez.

Encerremos com uma palavra de oração. E agora, que o Deus que deu o Senhor Jesus para morrer por nós, para perdoar nossos pecados e nos reconciliar consigo mesmo, dê a vocês

força e poder para viver vidas santas e irrepreensíveis, vidas agradáveis a ele por meio do poder do Espírito Santo que habita em nós, por Cristo, nosso Senhor. Amém.

Referências

Richard Clifford, *Creation Accounts in the Ancient Near East and the Bible*, p. 148-149.

Erik Hornung, *Conceptions of God in Ancient Egypt: The One and the Many*, p. 175-176.

David Toshio Tsumura, 'Genesis and Ancient Near Eastern Stories of Creation and Flood: An Introduction' e 'The Earth in Genesis 1' [1989], em 'I Studied Inscriptions from before the Flood', p. 33 e 310-328; cf. Kenneth A. Mathews, *Genesis 1-11:26*, p. 130-133.

K. Numazawa, 'The Cultural-Historical Background of Myths on the Separation of Sky and Earth', em *Sacred Narrative*, p. 185; Alan Dundes, 'Earth-Diver: Creation of the Mythopoeic Male', na mesma obra, p. 277.

Louis Herbert Gray e John Arnott MacCulloch (orgs.), *The Mythology of All Races*, 13 volumes, 1916-1933, mencionados no corpo da aula.

Créditos e fontes

Autoria: William Lane Craig. Publicação original: Reasonable Faith.

Conteúdo original: © 2019 William Lane Craig.

Tradução e edição em português: Fé Razoável. Revisão: 22/10/2026.

Fonte original: <https://www.reasonablefaith.org/podcasts/defenders-podcast-series-3/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity/excursus-on-creation-of-life-and-biological-diversity-part-12/>

Aula em português: <https://ferazoavel.com.br/defensores-criacao-vida-diversidade-biologica-parte-12/>